



LUTZENBERGER

UMA VIDA EM FAVOR DA NATUREZA

Nesta edição, *IHU On-Line* quer lembrar, de maneira especial, o ambientalista José Antônio Lutzenberger, que faleceu aos 75 anos, no final da manhã da terça-feira, 14 de maio. Lutzenberger foi enterrado no Rincão Gaia, antiga pedreira recuperada por ele, entre Pantano Grande e Rio Pardo, a 120 quilômetros de Porto Alegre.

Nesta homenagem ao Lutzenberger, *IHU On-Line* escutou as vozes de alguns de seus amigos e pessoas de autoridade no campo ambientalista. O biólogo, naturalista, padre e professor da UNISINOS, Clemente José Steffen, que foi vice-presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) na época em que Lutzenberger foi presidente, fala sobre seu amigo.

Ouvimos, também, o biólogo Rafael José Altenhofen, 27 anos, secretário executivo da União Protetora do Ambiente Natural (Upn), mestrando em Gestão Ambiental, secretário executivo da União Protetora do Ambiente Natural – UPAN e educador ambiental.

Finalmente, conversamos com Teresa Urban, jornalista, escritora, especialista em Gestão e Auditoria Ambiental, militante do movimento ambientalista e autora de vários livros que abordam a questão ambiental.

Testemunhos

Clemente Steffen:

A nossa amizade nasceu na Agapan

IHU On-Line- Como conheceu José Antônio Lutzenberger?

Clemente Steffen: Conheci Lutzenberger, quando ele começou a fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) em 1971. Nesse ano, começaram as manifestações pela preservação do meio ambiente. Eu era já professor de Ecologia na UNISINOS, que, naquela época, ainda não tinha esse nome. Foi fácil estabelecer o contato com Lutzenberger. Tínhamos muitas coisas em comum. A criação da Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Natural surgiu da preocupação ambientalista de alguns professores e alunos e outros ambientalistas como Lutzenberger.

IHU On-Line- Depois de uma convivência tão próxima, como o senhor o descreveria?

Clemente Steffen- Lutzenberger chegava a ser um fanático pela preservação da natureza. Era violento. Estourava na hora. Dizia as coisas. Defendia suas idéias com unhas e dentes. Dessa forma, arranjava amigos e inimigos. Tinha grandes ideais e não tinha medo de defendê-los e enfrentar quem quer que fosse. Seu lado humano era muito rico. Era muito dado com os amigos. Não era uma pessoa de ficar ouvindo. Você podia começar com uma idéia, mas ele tomava a palavra e, realmente, não dava chute, dominava qualquer matéria. Tinha uma formação cosmopolita. Assinava inúmeros jornais e revistas. Viajou por todos os continentes. Tinha autoridade para falar e aproveitava isso.

IHU On-Line- Numa série de frases de Lutzenberger, publicadas pelo Jornal *Zero Hora* do dia 14 de maio, ele disse “que os padres são mais safados que os comunistas, porque oferecem o paraíso para depois da morte, quando já não é possível cobrar nada deles”. O senhor é padre...

Clemente Steffen- Ele sabia brincar. Entre nós nunca falamos sobre religião. De fato, nem sei se era católico ou luterano. O que posso afirmar é que conheci muito bem seus valores. Era extremamente honesto, incapaz de mentir, autêntico em extremo. Nem conseguiria imaginar o Lutzenberger sendo falso ou enganando alguém. O que pensava dizia na hora. Era um homem muito sadio nos seus costumes. Não tinha vícios.

IHU On-Line- Quais eram as grandes idéias que ele reiteradamente defendia?

Clemente Steffen- Ele era contra o homem tecnológico que usa mal a natureza. Via que o desenvolvimento da humanidade tinha ido por um caminho errado, contra a natureza. A humanidade entrou em crise com a tecnologia e para corrigir os erros usa mais tecnologia. Opunha-se a uma concepção de economia como aquela que determina tudo. Ele entendia de natureza, economia, química, astronomia, matemáticas...e gostava de dissertar sobre a economia mundial. Qualquer situação era propícia para explicar suas teorias. Sempre andava com um bloco e uma caneta no bolso e, em qualquer momento, um almoço, uma conversa informal, começava a desenhar esquemas, explicando suas idéias. Ele era um grande crítico dos desvios que degradam a natureza, seja em seu aspecto biológico, físico, humano, etc.



IHU On-Line- Como ele ensinava uma forma alternativa de cuidar o ecossistema?

Clemente Steffen- Um claro exemplo é o Rincão de Gaia. Ele comprou uma área no meio de uma fazenda no Município de Pantano Grande, para mostrar, na prática, como tornar ecologicamente sadia uma área degradada. Plantou, deixou a natureza se recuperar, criou animais, tornou a área útil. Transformou-a num local onde demonstrava como criar galinhas e usar o adubo para cultivar plantas aquáticas que, por sua vez, alimentavam as galinhas. Tinha diversas práticas de agricultura sustentável, criação de porcos e outros animais que tratava de forma diferente. Lá havia cursos de ecologia, plantas medicinais e muitos outros. Construiu casas à base de madeira e palha para hospedar e dar aulas, o mais natural possível.

IHU On-Line Qual era sua relação com a Universidade?

Clemente Steffen- Ele veio diversas vezes, à UNISINOS para dar palestras relacionadas à área de Biologia, de Física, Economia, etc. Inclusive este ano, a Associação Verde Campus, setor da Diretoria de Administração do Campus (DCAM) ia convidá-lo para participar do dia do meio ambiente.

Teresa Urban:

Tudo começou com uma entrevista

Teresa Urban é jornalista e escritora, residente em Curitiba, PR. Entre os seus livros, está um dos últimos: *Saudade do Matão*, sobre a história da conservação da natureza no Brasil e *Missão (quase) Impossível: aventuras e desventuras do movimento ambientalista no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2001 sobre o movimento ambientalista. Neste último livro, Teresa Urban traz um capítulo sobre a vida e a luta de Lutzenberger. Ela conta, por exemplo, como numa conversa dele com D. Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo, surgiu a idéia do tema da Campanha da Fraternidade de 1979, ser a ecologia, tendo como lema "Preserve o que é de todos". Note-se que então a temática ecológica não tinha a publicidade de hoje.

IHU On-Line- Qual foi seu primeiro contato com o ambientalista?

Teresa Urban- Conheci Lutzenberger como jornalista, na década de 80. Acho que a primeira vez que o entrevistei foi no final dos anos 70, num dos primeiros grandes congressos sobre a questão ambiental, realizado em Curitiba. O que mais me surpreendeu, na época, foi a dureza com que Lutzenberger atacava o modelo agrícola consagrado pelo regime militar. Lembro de me perguntar: "Quem é esse sujeito que navega pelas águas turvas da ditadura com tamanha liberdade?" Passei a acompanhar, com enorme interesse, seu trabalho. Na época, não militava no movimento ambientalista, era apenas jornalista e ex-presa política que tentava entender que país era esse.

IHU On-Line- Ao longo destes últimos dias, assistimos a muitas formas diferentes e até polêmicas de caracterizar o ambientalista. Qual é a sua percepção?

Teresa Urban- Lutzenberger, para mim, sempre foi dom Quixote, em sua melhor versão brasileira. Munido de cultura sólida e convicções que ultrapassavam os estreitos limites da época, semeou sonhos e vontade de lutar por toda uma geração de gaúchos (principalmente) e de brasileiros obscurecidos pela opressão reinante. Dono de conhecimentos sólidos, rompeu a barreira da tecnocracia para buscar respostas na ação política. Não seguia normas, não era de esquerda nem de direita, era uma estrela solitária. Não temia alianças, desde que seus objetivos pudessem ser alcançados,

escandalizando gregos e troianos. Confesso que, muitas vezes, fiquei desconcertada com suas atitudes, mas ele não foi o único ambientalista apaixonado a estabelecer compromissos com políticos passíveis de questionamentos éticos. Basta lembrar que grande parte das áreas protegidas, no Brasil, foram criadas em períodos ditatoriais. Getúlio Vargas criou os três primeiros parques nacionais depois de 1937 e o regime militar deu ao país algumas das principais leis conservacionistas e milhões de hectares de florestas protegidas...

IHU On-Line- Como está o movimento ambientalista atualmente, no Brasil?

Teresa Urban- O movimento ambientalista atravessa, no Brasil, um profunda crise de identidade, dividido entre a tentação de sobreviver transformado em simples executor de projetos ou tornar-se um ator do cenário político convencional. A falta de raízes na sociedade dificulta seu enquadramento como movimento popular e empobrece sua capacidade de luta. A falta de base teórica impede o movimento de questionar, em profundidade, o modelo (ou a falta de modelo) econômico adotado pelo país. Levada a suas últimas consequências, a discussão sobre uso predatório dos recursos do ambiente conduz, inevitavelmente, a um confronto com a economia do livre mercado e aí reside um impasse que não é exclusivo só movimento ambientalista.

Rafael Altenhofen:

Ouvi falar de Lutzenberger quando era criança

Rafael José Altenhofen, nasceu em Harmonia - RS e veio para São Leopoldo com 10 anos de idade. cursou Biologia Licenciatura Plena e Biologia Bacharelado na UNISINOS. Atualmente é mestrando em Gestão Ambiental num convênio entre a Universidade de Las Palmas (Ilhas Canárias) e a UFSC. Atua desde 1995 no movimento ambientalista, pela União Protetora do Ambiente Natural - UPAN, da qual é Secretário Executivo. Desenvolve atividades em educação socioambiental e organização comunitária, como por exemplo, em cooperativas de catadores de resíduos.

IHU On-Line- Como conheceu Lutzenberger?

Rafael Altenhofen- Tomei conhecimento da existência de José Lutzenberger já no interior, quando pequeno, antes dos 10 anos de idade, na época em que eu já iniciava minha militância ambiental sem, no entanto, identificar-me com esta ou aquela bandeira. Os mais velhos, frente as minhas idéias "pró-meio ambiente" chamavam-me, então, de "Lutzenberger dois". Confesso que eu nem sabia de quem se tratava e achava estranho aquele apelido. Se fosse hoje, seria meu maior orgulho. Fui realmente conhecê-lo após vir para São Leopoldo e ingressar na UPAN, primeiro através de seus trabalhos, de suas idéias e da polêmica que despertava, mesmo entre os ambientalistas, e, mais tarde, pessoalmente, em um encontro na área ambiental. No decorrer destes anos, pude ter contato com ele em diferentes ocasiões, quer em atividades no meio acadêmico, quer em encontros temáticos de ativistas ambientais, quer através de visitas que realizei ao Rincão Gaia em atividades como acadêmico de Biologia. Não tinha muito contato direto com ele, mais com seus trabalhos e, em aproximadamente uma dezena de oportunidades na qual estive diretamente com ele, sempre o foi através de grupos.

IHU On-Line- O ambientalista influenciou sua trajetória em favor do meio-ambiente?

Rafael Altenhofen- Lutzenberger, ou Lutz, como lhe chamam os ecologistas e os mais próximos (eu me incluo no primeiro grupo), é, e sempre será, um (ou mesmo "o") referencial nas questões não somente ambientais de nosso estado, país e mundo, como também na questão social e econômica, uma vez que todas são afetadas pelo modelo desenvolvimentista e globalizante ao qual ele sempre fez severas (e cientificamente embasadas) críticas.

IHU On-Line- Qual a herança que Lutzenberger deixa ao Brasil?

Rafael Altenhofen- Ele deixa o reconhecimento de uma história e lutas na área ambiental (ou socioambiental) das quais o estado do RS é pioneiro, desde a época de Henrique Luiz Roessler. Lutz deixa de herança uma grandiosa conquista para a área ambientalista e para todo o país. Se ele não foi o primeiro, certamente foi aquele que, com mais propriedade, levantou e expôs dados científicos que embasaram as lutas dos ambientalistas, tidas até então, muitas vezes, como alarmistas, sem fundamentação teórica ou embasamento técnico.

IHU On-Line- E qual o seu aporte ao meio acadêmico e universitário?

Rafael Altenhofen- Com sua irreverência, fez duras críticas também à ciência, que se considera acima da ética, e ao meio acadêmico, que não forma para a vida, mas apenas para retroalimentar a própria academia, mantendo-se, muitas vezes, isolado das reais necessidades e problemas da sociedade.

IHU On-Line- Por que o ambientalista suscitou e suscita tanta polêmica?

Rafael Altenhofen- Lutzenberger sempre foi uma pessoa muito polêmica, e várias são as histórias de seus feitos. Estes vão desde seus banhos nu no lago do Rincão Gaia (encabulando alguns visitantes desinformados), passando por posicionamentos polêmicos no próprio meio ambientalista, até a situações inusitadas como a da minhoca desidratada, que apareceu sobre a mesa da lancheria, na qual ele preparava uma palestra (a que pude assistir) e que acabou sendo utilizada com ponto base de sua explanação.

A última história sobre ele, que ouvi após seu falecimento, conta que, após realizar uma visita ao então lixão de São Leopoldo (antes da existência da área atual), entrou no gabinete do Secretário do Meio Ambiente com as botas imundas nas mãos e jogou-as em cima da mesa deste, dizendo: "Vê só como está o teu lixão!"

Lutzenberger

em *Missão (quase) impossível*

No livro *Missão (quase) Impossível*, de Teresa Urban (São Paulo:Ed. Fundação Pierópolis, 2001. p. 76-92), a autora descreve a vida e o pensamento de Lutzenberger. Citamos alguns trechos.

Trajetória

Formado em 1950 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante dois anos fez cursos complementares na Louisiana State University, aprofundando-se em agroquímica. Voltou ao Brasil e trabalhou durante sete anos em empresas do setor de adubos, no Rio Grande do Sul. Em 1957, foi convidado para trabalhar na Basf, na Alemanha. Partiu sem intenção de voltar e ficou 13 anos fora do país, como executivo da empresa: na Alemanha, durante dois anos; na Venezuela, entre 59 e 66; e no Marrocos, até 1970.

O processo que o levou a recusar uma nova promoção na empresa, para atuar em todo o Mediterrâneo, e trocar uma confortável posição de executivo de multinacional pelas incertezas do retorno ao Brasil, foi lento. É verdade que havia constatado, já no início de suas atividades na Basf, que o horizonte científico reservado aos executivos era estreito e insatisfatório. Em depoimento ao jornalista João Batista Santafé Aguiar (32), Lutzenberger revela seu desconforto diante do conselho de um de seus superiores, logo que chegou à Alemanha: "Vejo que você se interessa por antropologia, filosofia, se ocupa com matemática, biologia, história, história das religiões; mas precisa ter consciência de que és homem de adubo! Tem que se interessar por adubo!". Foi como "homem de adubo" que trabalhou na Venezuela durante quase sete anos. Além de ter a oportunidade de conhecer muito bem o país e seus vizinhos, tinha tempo para estudar. Na Venezuela, conheceu Leon Croizat, que considera até hoje uma das maiores autoridades mundiais em biogeografia, com quem pôde aprofundar seus conhecimentos na área. Supria a limitação do horizonte profissional com outras atividades.

Sentir o mundo natural

"No mundo de hoje, e entre nós mais do que em outros lugares, predomina a incapacidade de ver, de sentir o mundo natural. Somos incapazes de sentir a Natureza em sua plenitude, de perceber suas harmonias, de deleitar-nos esteticamente diante de suas belezas. Não praticamos, por isso, a arte de observá-la. Assim, escapam-nos muitas de suas maravilhas que, ao invés de fascinar-nos, passamos a destruir cegamente."

Esta era a introdução de um artigo escrito em 1975, *-Alienação - no qual explicava, pacientemente, o processo de reprodução das figueiras que estavam sendo destruídas pela poda promovida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre*"

Riocel

"Lutzenberger também deixou sua marca como paisagista na Riocel, quando recuperou uma área de cinco hectares das margens do Rio Guaíba, que havia sido aterrada pela antiga Borregaard. Lutzenberger costumava fazer pesquisas nessa área e acabou sendo convidado para fazer sua recuperação. É novamente Augusto Carneiro quem conta:

"Um dia ele chegou e estavam plantando uma reta de eucaliptos e uma reta de acácia. E Lutzenberger disse: 'O que é isso?' O diretor explicou que queria tapar as caliças, o entulho que formava o aterro. E Lutzenberger imediatamente propôs que fosse feito um parque. Não fez projeto. Foi fazendo. Para mim, é o parque mais bonito do Brasil. Lutzenberger começou a trabalhar, com o método ecológico, o que não agradou os engenheiros de lá. Havia várias depressões, que Lutzenberger admirava: 'Isso aqui é invadido pelas águas nas inundações e é fonte de vida'. E o engenheiro achava que tinha que pegar um trator, pegar todos aqueles tijolos e tapar a depressão. Os engenheiros protestaram, mas o diretor manteve Lutzenberger, contra a vontade deles. Terminou mais ou menos o parque, porque um parque nunca está terminado, e foi para a Alemanha passar 45 dias. Nesse meio tempo, houve um incidente muito grave, com despejo de óleo no rio. A empresa recebeu uma

multa do órgão ambiental estadual e mandou fazer uma represa para evitar acidentes. Passaram o trator em cima dos jardins do Lutzenberger. Quando voltou, ficou horrorizado e não podia fazer nada. Passado um ano de abandono, a empresa o chamou para fazer o parque novamente.”

O parque da Riocel continua sendo mantido com orientação de Lutzenberger. Em 1987, já afastado da Agapan, Lutzenberger criou a Fundação Gaia, com objetivos que traduzem bem suas convicções: “promover a consciência e a ética ecológica no contexto de uma visão unitária da vida e do universo. Isso inclui: promover democracia real, participação e descentralização administrativa, autonomia e poder local.” O grande momento do movimento ambientalista gaúcho terminara.”

SOJA TRANSGÊNICA: PROBLEMA POLÍTICO, NÃO TÉCNICO

José A. Lutzenberger, engenheiro agrônomo e ecologista, presidente da Fundação Gaia, publicou na **Gazeta Mercantil**, 8-03-98, o artigo que, a seguir, reproduzimos na íntegra. Os subtítulos são nossos.

"A genética moderna, ou seja, a biologia molecular, constitui-se em uma das grandes aventuras do espírito humano neste século, tais como a relatividade especial e a geral, a física nuclear e de partículas elementares dos continentes. Infelizmente, neste campo, está ocorrendo uma grande perversão.

O jovem Einstein, quando elaborava as suas geniais teorias, ganhava a vida como funcionário do departamento de patentes da Suíça, em Zurique. Jamais, no entanto, lhe teria ocorrido patentear suas idéias. O próprio James Watts e seus companheiros Francis Crick, que desvendaram a estrutura molecular do código genético, não tiveram a presunção de requerer patente para sua descoberta. Regozijaram-se, isto sim, com o Prêmio Nobel.

Patentes só para invenções. Não para descobertas!

Aliás, patentes só se aplicam e se justificam para invenções, não para descobertas. Os genes dos seres vivos e todos os meios dos quais eles se servem foram estruturados pela Natureza neste fantástico processo sinfônico que é a evolução orgânica, que nos deu origem, junto com todos os demais seres, e que remonta a mais de três bilhões de anos. Que monumental presunção querer patentear os seres vivos, partes de seres vivos e processos vitais! Entre outras coisas, estão querendo patentear todos os genes do genótipo humano que são algo como 100 mil. Já o fizeram com algumas milhares e estão trabalhando febrilmente para terminar logo em 2001 ou 2003.

A Semente: um dos últimos fatores de autonomia

É com esses métodos que as mesmas transnacionais, que, durante décadas, condicionaram a agricultura ao uso exagerado e mesmo indiscriminado dos agrotóxicos, preparem-se para arrebatam do produtor agrícola um dos últimos fatores do que lhe sobra de autonomia – a semente.

A soja transgênica, patenteada, que agora está sendo introduzida no País é resistente ao herbicida da própria casa e obriga o agricultor à “compra casada”-semente mais herbicida, mesmo que não haja necessidade para tal. Já estão,

também, preparando cultivares como o gene “terminator”, um gene que faz com que a semente colhida pelo agricultor se “suicide” ao ser semeada, tornando desnecessária a patente, pior que no caso do milho híbrido que, ao ser semeado de novo, não mantém suas qualidades.

Não é por nada que as grandes transnacionais dos agrotóxicos, nos últimos anos, compraram já a quase totalidade das empresas independentes de sementes. Com isso, preparam-se para um monopólio global.

Os transgênicos e o problema da fome

Que tem a ver isso com resolver o problema da fome? Tem a ver com criação de estruturas de poder, de dependência! Se, na Índia, centenas de milhares de agricultores estão se mostrando contra a introdução dos transgênicos – pessoalmente, em Bangalore, em 1996, assisti a uma demonstração de meio milhão -, é porque sabem que este tipo de tecnologia se dirige contra eles, só favorece o agribusiness – o complexo agro-industrial; nem tanto o grande agricultor. A chamada Revolução Verde já marginalizou centenas de milhões de camponeses no mundo, um custo social que não é contabilizado, quando se fala das “vantagens” da agricultura moderna.

O que a grande tecnocracia pretende, e para isso usa os mecanismos de globalização, o FMI e OMC, é deixar sobreviver apenas as grandes monoculturas comerciais que dependem totalmente de seus insumos, cada vez mais caros, e que têm que entregar seus produtos a preços sempre mais manipulados. Quanto aos pequenos, só deixarão sobreviver aqueles que se atrelarem diretamente à indústria (“contract farming”), como no cultivo do fumo, da fruticultura e legumes para fábricas de conservas, os campos de concentração de aves e fábricas de ovos ou calabuços de porcos. O produtor fica com a ilusão de ser empresário autônomo, mas não passa de operário sem carteira, que tem que envolver toda a família como mão-de-obra gratuita, sem horário de trabalho definido, sem domingo, feriado, férias, e sem previdência social. É de estranhar que o INSS não se ocupe desta burla.

Se permitirmos o primeiro passo desta conspiração que agora se inicia com a introdução forçada dos cultivares transgênicos, os passos subseqüentes serão automáticos – crédito bancário só para sementes “certificadas”; mais adiante, proibição de toda semente ainda livre. Na Alemanha, já estão punindo agricultores que apenas trocaram sementes com o vizinho. Em comunicação interna de uma das transnacionais, ela conta como está processando milhares e punindo centenas de agricultores americanos que reproduziram suas sementes transgênicas sem sua permissão. Os castigos são a destruição total da lavoura, mais multas de dezenas de milhares de dólares – o agricultor acaba entregando a propriedade ao banco. Nestes documentos, a expressão “seed saver” (economizador de semente) é usada em sentido profundamente pejorativo.

Que tristeza termos que testemunhar como o nosso governo se submete incondicionalmente aos interesses imediatistas do grande poder tecnocrático sem pátria. O Ministro da Saúde chegou a multiplicar por cem o limite permitido de resíduo de glifosato na soja para acomodar os interesses dos donos da soja “Roundup-Ready”...!!!”

Dito por Lutzenberger

Fonte: ZH/14 de abril de 2002.

♣ Me interesse muito pouco pela minha pessoa. Olho sempre para a frente. Custo a entender que estou com 75 anos.

- ♣ Na hora, digo o que penso, boto para fora. Uso a emoção. Se alguma coisa me excita, falo excitado. Se me agridem, passo a agredir. Mas não sinto raiva ou ressentimento.
- ♣ Em Brasília, todos são cínicos e não entendem como você não possa ser (sobre sua passagem como ministro do governo Collor).
- ♣ A Alemanha fez penitência pelo holocausto. Mas o Brasil ainda deve a sua pelo que fez com os índios e os negros.
- ♣ Os aviários se transformaram em campo de concentração de galinhas. Vem aí a galinha louca.
- ♣ Capitalismo e comunismo são, na verdade, duas seitas da mesma coisa, que é o industrialismo.
- ♣ A sociedade de consumo é, no fundo, uma religião fanática, um fundamentalismo pior do que o do Bin Laden. Está arrasando o planeta.
- ♣ Há um governo mundial tecnoditatorial dos grandes grupos. O governo mundial é privado.
- ♣ Li Marx de ponta a ponta no original, em alemão. Ele é tão tecnocrata quanto os capitalistas.
- ♣ Hitler e Mussolini também diziam ser socialistas, como Fidel. Essa palavra e ser de esquerda não significam mais nada.
- ♣ O livre mercado não resolve tudo, até porque é manipulado. O mercado só vê demanda, não vê necessidades. Os mercados são cegos para as gerações futuras.
- ♣ Os padres são mais safados que os comunistas. Oferecem o paraíso para depois da morte, quando já não é possível cobrar nada deles.

ACONTECE

Fórum Regional de Solidariedade

No dia 5 de junho, das 8h30min às 19h, acontece o Fórum Regional de Solidariedade. O objetivo do evento é desenvolver análises e debates sobre as práticas sociais associativas, dando oportunidade para uma maior compreensão sobre as ações cooperativas e seus desdobramentos. O curso é dirigido a líderes políticos, comunitários, religiosos e professores do ensino básico que, no seu cotidiano de trabalho, buscam formas de superar a pobreza. Haverá palestras, painéis, oficinas e apresentação de diversas experiências de superação da pobreza. Confira na próxima edição do *IHU On-Line* a programação completa.

Evento: Fórum Regional de solidariedade

Dia: 5 de junho

Hora: 8h30min às 19h

Local: Anfiteatro Pe. Werner

Promoção: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; Centro de Ciências Humanas; Instituto Humanitas Unisinos; Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul - SESCOOP/RS; FEEVALE

Apoio: Cáritas; CNBB; SICREDI; UNICREDI/CETRAL; UNILASALLE; UERGS; COAPEL; FACCAT.

Juventude

No dia 5 de junho, das 9h às 11h30min, acontece a Palestra *Juventude Contemporânea: Políticas e Práticas Sociais*. A palestra é dirigida a professores e alunos da UNISINOS e da UFRGS, a professores de escolas públicas, ONGs, Organizações Governamentais, pais e jovens.

A palestrante será a Prof^a. Marília Pontes Sposito, que é Licenciada em Pedagogia, 1976, pela FEUSP; Mestre em Educação, Área de Concentração História e Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP, com o título "*Expansão do ensino, política populista e movimentos sociais*". Doutora em Educação, Área de Concentração História e Filosofia da Educação. Desde 2000 é Professora do Departamento de Filosofia da Educação. O evento é promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, PPG em Ciências Sociais Aplicadas e PPG em Educação.

Dia: 5 de junho

Hora: 9 às 11h30min

Local: Auditório Central

Debate

No mesmo dia, das 14h às 17h, a professora Marília Pontes Sposito coordenará um debate com enfocando na pesquisa sobre *Juventude*. O evento está aberto para professores envolvidos na temática, mestrandos, doutorandos, PPGS, bolsistas UNISINOS e UFRGS e para alunos do curso de Especialização em Juventude da UNISINOS.

Dia: 5 de junho

Hora: 14 às 17

Local: Sala 1C103

Encontro

Inaciano

O setor Religiões, Teologia e Pastoral promove um Encontro Inaciano para Funcionários e Funcionárias da UNISINOS. Será uma oportunidade de fazer uma experiência da Espiritualidade Inaciana, um momento de aprofundar a integração da vida com a fé, através da oração, partilha e dinâmicas. O evento é gratuito, e as inscrições podem ser feitas na Recepção do Instituto Humanitas. Será no dia 01 de junho. Hora: das 9h às 17h. Local: Capela Universitária.

ALCA

O comitê sobre a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) está organizando uma intensa agenda que visa a ajudar a comunidade universitária a refletir sobre o papel do Brasil e suas conseqüências em relação à implantação da ALCA. Presidido pelo Prof. Laurício Neumann, coordenador do Setor de Ética, Cultura e Cidadania do IHU, o comitê conta com a participação de diferentes setores da Universidade, do DCE e da ADUNISINOS. Entre as atividades aprovadas, estarão palestras e debates com objetivos informativos, formativos e de reflexão para preparar o plebiscito sobre a ALCA, que acontecerá no dia 7 de setembro. A primeira atividade será a palestra *O papel do Brasil na ALCA*, dirigida a professores e estudantes de todos os centros.

Recomenda-se que os professores já agendem com suas turmas as seguintes datas e horários em que ocorrerá a palestra:

4 de junho, às 8h30min, no Auditório Central.
11 de junho, às 20h, no Auditório do centro 5.
12 de junho, às 20h, no Auditório do Centro 3.

Na segunda quinzena de agosto, prosseguirão outras atividades relacionados com o tema em preparação a um debate de encerramento. Os temas estão definidos, faltando confirmar os dias e locais das diversas palestras.

Temas:

ALCA meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

ALCA e direitos humanos.

ALCA e processos de integração e comércio.

ALCA, tecnologias e dependência.

ALCA e o papel do Estado.

ALCA, mídia e controle da informação

Lançamento

de vídeo

Um debate sobre a *Identidade étnica e o Estado*, com o Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira (Museu Nacional -RJ) e Abílio Padilha (Comunidade da Borboleta - RS) marcará o lançamento nacional do vídeo *Caxixó: o segredo*, de Bruno Pacheco de Oliveira. O evento é promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional -UFRJ-RJ, Programa de Pós-Graduação em História - UNISINOS -RS, Memorial do Rio Grande do Sul, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, Governo do Estado/ Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul

Dia: 22 de maio

Hora: 17h

Local: Memorial do Rio Grande do Sul - Praça da Alfândega s/n. Porto alegre

Livros & Artigos

LIVRO DA SEMANA

O PREÇO DA VERDADE. O DOM, O DINHEIRO, A FILOSOFIA

Marcel Hénaff, *Le prix de la vérité. Le don, l'argent, la philosophie*. Seuil, 2002. 521 p. (*O preço da verdade. O dom, o dinheiro, a filosofia*).

Traduzimos e publicamos, na íntegra, a recensão deste livro publicada na revista mensal *Alternatives Économiques*, nº. 203, maio de 2002, p. 89. A recensão é de Jean Sloover. Agradecemos ao prof. Dr. José Roque Junges, pela tradução.

Na disputa que suscita o "horror econômico", a sombra projetada pelo dom simbólico colocado às claras pelo antropólogo Marcel Mauss ocupa um lugar central. Nota-se, primeiramente, o insubstituível trabalho do Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais (Mauss), fundado por Alain Caillé em 1981. O último livro de Marcel Hénaff, *Le prix de la vérité. Le don, l'argent, la philosophie (O preço da verdade: o dom, o dinheiro, a filosofia)*² vai, no entanto, contradizer aqueles que se inclinam a ver, na concepção primitiva do dom e na sua reedição, um antídoto contra a mercantilização do mundo.

No âmbito da antropologia e da filosofia, a obra de Hénaff, rica de ensinamentos, põe em evidência que, nas sociedades primitivas, a regulamentação social, através do dom cerimonial, e a regulamentação econômica, pela troca proveitosa, constituem dois universos separados que coexistem pacificamente. Em tal sociedade, acentua Hénaff, a economia, isto é, a produção técnica de bens de consumo e de meios de investimento, intercambiados de um modo interesseiro, opera para satisfazer as necessidades da melhor maneira possível. A instituição do dom tem a função de permitir aos seres humanos se reconhecerem mutuamente e viverem juntos.

Embora se baseie em bens produzidos pela economia, o dom não é, portanto, nenhuma forma não mercantilizável de permuta de bens. Não existe nada de altruísta e sacrificial. Trata-se de uma técnica social inventada para fazer os grupos se reconhecerem como semelhantes. Ela não consiste em dar alguma coisa a alguém, mas em dar-se a alguém por meio de alguma coisa. O importante aqui é que, ao solicitar uma réplica, força o outro a considerar o doador como um parceiro no engajamento mútuo. O dom é, em última análise, escreve Hénaff, o cumprimento da oferta de si mesmo, às vezes, com risco de se perder, com o fim exclusivo de ver sua dignidade reconhecida publicamente e de criar, assim, laço social.

O dom cerimonial, esse rito árduo de desejos misturados, imaginado por nossos ancestrais para permitir aos seres humanos das origens criar sociedade, nada tem de estritamente econômico. Não é também uma forma primigênia de compaixão valorizada pelos Evangelhos, nem um tipo de troca de mercado antediluviano. Não existe uma genealogia pela qual nós teríamos passado, com o correr dos tempos, da troca primitiva, baseada no dom, para a permuta fundada no lucro. Portanto, e isso é de capital importância, o dom não pode servir de pedra angular a uma alternativa, ao capitalismo: a resistência ao utilitarismo não pode desfraldar a bandeira do dom.

Mas isso significa igualmente que é ilusório esperar que a troca econômica crie laços sociais: nenhuma fraternidade surge do contrato. Ora, se a modernidade, como sustenta Hénaff, nasceu com o esfacelamento do dom ritual tradicional, como instituição de regulação social, fez emergir sociedades políticas nas quais a lei cidadã impõe-se como forma de autoridade no lugar e em substituição dos dispositivos ordenadores ligados ao sistema de linhagem. O desdobramento atual da política, a partir de uma gestão técnica dos vetores econômicos da prosperidade, significa, nada mais e nada menos, que a impotência dramática do ocidente liberal de religar os seres humanos em sociedade”.

¹ Ver principalmente *Antropologie du don. Le tiers paradigme*. Dessclée de Brouwer, 2000.

². Ler também o artigo: "Y-a-t-il encore des biens non marchands". *Esprit*, février 2002.

REVISTA DA SEMANA

TRANSVERSALES. SCIENCE ET CULTURE, NOUVELLE

Transversales. Science et Culture, nouvelle série, n°. 1, premier trimestre 2002. A revista publica um dossiê intitulado *La science contre la conscience?*, que é aberto por uma fascinante entrevista com Henri Atlan, médico e biólogo, ex-membro do Comitê Consultivo Francês de Ética para as Ciências da Vida e da Saúde. É autor de numerosos trabalhos sobre biologia celular, biofísica e inteligência artificial. Ele é igualmente filósofo, diretor de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Autor do livro *Les étincelles de hasard*. Tome I: *Connaissance spermatique*. Seuil, 1999. Acaba de publicar o livro *La science est-elle inhumaine? Essai sur la libre nécessité*. Paris: Bayard, 2002. Se houver interesse, a secretaria do IHU pode providenciar uma fotocópia dessa entrevista.

Além do dossiê acima referido, a revista publica também um artigo de Edgar Morin intitulado *À propos du terrorisme d'Al-Qaida*. Por sua vez, Jacques Robin, fundador da revista e seu diretor por mais de dez anos, escreve um artigo instigador intitulado *L'écologie politique et le XXIe. Siècle*. J. Robin traça as etapas que fizeram a ecologia, de uma ciência, se transformar num desafio político, social e cultural. Esta 'ecologia política' pode jogar um papel decisivo na construção de um mundo mais humano. Isso se ela tomar em consideração a importância das consequências da mutação informacional e que ela consiga depreender as proposições concretas para a instauração de uma cidadania e de uma democracia éticas planetárias. Assim, J. Robin discute a tese, recém-defendida pela revista *L'Ecologiste*, que é a edição francesa da revista *The Ecologist*, que trata, segundo Robin, de maneira magistral, o tema "desfazer o desenvolvimento – refazer o mundo". Serge Latouche dirige este dossiê. A publicação desse número da revista *L'Ecologiste* foi matéria de uma reportagem do jornal *Le Monde*.

Entrevista da Semana

JOSÉ LUTZENBERGER

Celebrando a memória de José Lutzenberger, publicamos a entrevista que concedeu ao jornal *Valor*, 24 de agosto de 2000. Extraímos-la tal qual foi reproduzida pelo boletim *CEPAT Informa*, n°. 65, setembro de 2000, p. 8-10.

Vivemos um modelo de consumo suicida e sem futuro

Aos 73 anos, José Antônio Lutzenberger mantém-se como uma das maiores referências da luta ambientalista no país. Crítico feroz do desperdício e da "obsolescência planejada" dos produtos industriais, afirma que a sociedade de consumo é "suicida" porque vê o planeta como um "almoxarifado gratuito, de fundos infinitos". O erro básico, segundo Lutzenberger, está no pensamento que a economia tem de crescer sempre. "Nada pode crescer sempre, muito menos num espaço limitado." Reproduzimos na íntegra sua entrevista. Os subtítulos são nossos.

Estamos consumindo o planeta

Valor: Por que as empresas estão buscando processos produtivos mais limpos?

José Antônio Lutzenberger: Isso é consequência das lutas do passado recente. Em Porto Alegre, por exemplo, houve a luta contra a Borregaard, empresa norueguesa que, naquela época (em 1972), causava uma poluição muito agressiva. Depois surgiram sempre mais entidades de defesa da cidadania, as chamadas organizações não-governamentais, as ONGs, não só no Brasil mas no mundo inteiro.

Valor: Houve então uma conscientização, ainda que forçada, das empresas?

Lutzenberger: Nem sempre é consciência. Muito industrial ainda procura não fazer (investimentos em preservação). Só faz sob pressão. É que hoje temos órgãos oficiais que obrigam a fazer tratamento de efluentes. Isso é um movimento dos últimos 30 anos, mas ainda falta muito. O que estamos fazendo são remendos técnicos. Não basta tratamento de efluentes, carros mais limpos, reservas biológicas. Tudo isso é importante e fundamental, mas não suficiente. O modelo que estamos vivendo hoje, a chamada sociedade de consumo é um esquema suicida e sem futuro. Nós estamos consumindo o planeta.

O PIB é uma referência absurda

Valor: Como assim?

Lutzenberger: O simples dogma básico do pensamento predominante, que diz que uma economia tem de crescer sempre, já é um absurdo. Nada pode crescer sempre, muito menos num espaço limitado. Eu gostaria de saber como vão aumentar o território, as florestas, os lagos, os rios, os oceanos, a atmosfera.

Valor: Mas é possível parar de crescer?

Lutzenberger: O sistema não enxerga a bola de neve que consome o planeta porque a medida de crescimento é o Produto Interno Bruto, o PIB. Se uma empresa fizesse esse tipo de conta, que soma todos os faturamentos, mas também os custos, poderia estar quebrada sem saber. O absurdo é que o PIB soma até desastre para medir progresso.

Valor: Os custos ambientais não são levados em conta no cálculo econômico?

Lutzenberger: Veja o PIB brasileiro. Somamos as divisas que ganhamos na exportação de alumínio, aço e ferro. Tudo bem. Mas onde está descontado aquele grande buraco em Carajás, os mais de 100 mil quilômetros quadrados de floresta destruída ao longo da Ferrovia Carajás-São Luiz do Maranhão, os mais de 400 mil quilômetros quadrados de florestas de cerrado que já foram destruídas para fazer carvão vegetal? Os governos não fazem essa segunda parte da conta.

"O supermercado me dá nojo"

Valor: O sr. falou que as iniciativas ambientais das empresas são meros "remendos técnicos". O que mais pode ser feito?

Lutzenberger: Olhe o caso das latas de alumínio para refrigerante e cerveja. Isso é uma obscenidade. Uma lata de alumínio, das pequenas, para ser fabricada, consome 1.400 watts/hora, energia elétrica que uma lâmpada de 100 watts leva 14 horas para gastar. Tem cabimento gastar essa energia para 300 ml de bebida?

Valor: O produto em si, então, também é um dos problemas?

Lutzenberger: Claro. Por mais limpa que seja a fábrica que faz as latas ou a cervejaria que as utiliza, elas vão ser descartadas em algum lugar. Mesmo que sejam recicladas, o reaproveitamento é mínimo e vai consumir energia de novo. Quando eu vou ao supermercado hoje, as coisas começam a me dar nojo. Eu não vejo mais nada que não esteja em embalagens absurdas e exageradas.

Antigamente, por exemplo, se comprava um tubinho de cola. E só. Hoje ele vem num papelão plastificado, com uma cúpula de plástico por cima e quando saio do supermercado ainda colocam em um saquinho de plástico. São dez vezes mais material para botar fora do que o quê eu comprei. Estamos arrasando o planeta com esse tipo de desperdício.

O consumidor é enganado

Valor: O sr. opta por produtos de menor impacto ambiental?

Lutzenberger: Sempre que possível, mas hoje tu entras num supermercado e não tens como sair de lá sem sacos e mais sacos de plástico. Dizem que o consumidor tem cada vez mais escolhas, mas isso é mentira. Temos cada vez menos opções diante da filosofia da obsolescência planejada, na qual as coisas são feitas para não durar.

A sociedade só pensa em descartar

Valor: Nos últimos anos tem havido um crescimento na demanda pelos seus serviços de consultoria?

Lutzenberger: Já que hoje há pressão governamental para que as empresas sejam as mais limpas possíveis, aumenta a necessidade de serviços nesse campo. Eu ganho minha vida com isso, consciente de que é apenas um passo, importante, mas, muito incompleto. Eu proponho ações descentralizadas e baratas, mas a tecnocracia em geral quer soluções megatecnológicas, altamente sofisticadas e caras.

Valor: Ou seja, isso se transformou em um novo e rentável segmento de negócio?

Lutzenberger: Eu invertei o paradigma básico da engenharia sanitária convencional, que parte de um postulado absurdo, o de se ver livre de coisas definidas como lixo, resíduo, esgoto, etc. Tudo isso é considerado fundamentalmente ruim, mas não existe coisa fundamentalmente ruim. O que chamamos de resíduo é uma coisa boa no lugar errado.

Valor: Os seus clientes entendem isso?

Lutzenberger: Claro, porque oferecemos soluções mais baratas. Se eu explico para um empresário que, em vez de gastar dez, ele pode gastar só um, ele faz a conta e vai optar pela solução barata.

"O pensamento econômico que predomina hoje é suicida"

Valor: As ONGs têm conseguido desempenhar um papel relevante na regulamentação ambiental?

Lutzenberger: Sem as ONGs, as coisas estariam muito piores. Os governos só agem quando vem pressão de baixo ou da grande tecnocracia, que hoje é quem predomina.

Valor: O ambientalista é um militante político?

Lutzenberger: Toda a ação social, toda a tecnologia é política porque ela significa poder. O verdadeiro ambientalismo tem de ir à questão filosófica. Temos de nos dar conta de que o pensamento econômico que predomina hoje é suicida. Não podemos continuar olhando o planeta como um almoxarifado gratuito, de fundos infinitos.

FRASES DA SEMANA

As seguintes frases são de Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia 2001, ex-vice-presidente do Banco Mundial e professor da Universidade de Colúmbia. J. Stiglitz, conforme informado no *IHU On-Line* no. 13, 15-4-02, acaba de publicar o livro *Globalization and its discontent*, traduzido para o francês com o título *La Grande Désillusion*, Ed. Fayard, Paris, 2002 e para o espanhol com o título *El malestar en la globalizacion*, Taurus, Madrid, 2002.

- ✓ “Os dados da primeira década completa pós-reforma econômica da América Latina já estão disponíveis e demonstram que o crescimento foi a metade dos níveis alcançados nos anos 1950 e 1960 na região e, além disso, grande parte deste crescimento beneficiou aos ricos” – entrevista ao jornal mexicano *La Jornada*, 16-5-02.
- ✓ “As políticas que o FMI promove nos países em desenvolvimento seriam rechaçadas pelos países desenvolvidos. Por exemplo, a privatização do seguro social nunca seria aprovado politicamente nos Estados Unidos, mas, no entanto, é uma exigência do FMI à Argentina” – *La Jornada* 17-5-02.
- ✓ “Na teoria, o FMI apoia as instituições democráticas dos países que ajuda. Na prática, implode o processo democrático ao impor sua política” – *El País*, 18-5-02, na resenha do livro de Stiglitz lançado em espanhol.
- ✓ “Se a Argentina tivesse seguido ao pé da letra as instruções do FMI hoje estaria numa situação muito mais dramática” – Joseph Stiglitz em entrevista ao jornal espanhol *El País*, 20-5-02.

O golpe venezuelano e o Brasil, segundo Chávez

O jornal argentino *Página 12*, 19-5-02, publicou uma ampla entrevista com Hugo Chávez, presidente venezuelano. Extraímos o seguinte trecho da entrevista:

Página 12: O que estava em jogo no recente golpe?

Chávez: “Alguns disseram por aí que o golpe contra Chávez não é só contra Chávez, mas que foi como no jogo de bilhar, e que este golpe também teria como objetivo o Brasil. Outros dizem que o golpe era motivado pelos interesses petrolíferos. São hipóteses”.

Página 12: De que maneira o Brasil seria afetado pelo golpe?

Chávez: “Há 200 anos o eixo da liberdade na América do Sul começou entre Caracas e Bogotá. Acredito que hoje o eixo passará a ser Caracas-Brasília. Creio que por aí passam as cavalarias. Acredito que isto preocupa a alguns no mundo”.

Aula inaugural avalia FSM

Dia 15 de maio, Francisco Whitaker Ferreira, 70, formado em Arquitetura e Urbanismo pela USP, secretário-executivo da Comissão Brasileira Justiça e Paz, da CNBB, e membro do Comitê de Organização do Fórum Social Mundial, proferiu a Aula Inaugural do Centro de Ciências Humanas. Com o Auditório Padre Werner quase lotado, ele abordou o processo e a metodologia do Fórum e os encaminhamentos para o III Fórum Social Mundial. Criticou a cobertura dos meios de comunicação de massa que reduziram o evento a imagens festivas sem trazer à tona as discussões e reflexões amadurecidas dos diferentes grupos ali presentes. A seguir publicamos uma entrevista feita pelo IHU.

IHU On-Line — O que é o Conselho Internacional do Fórum Social Mundial?

Francisco Whitaker — Ele é uma instância, criada entre o primeiro e o segundo Fórum Social Mundial, e composta por umas 70 redes internacionais. Sua função está sendo progressivamente definida. Desde sua criação em junho de 2000, tivemos quatro encontros. Pouco a pouco, ele vai construindo decisões para a continuidade do processo do Fórum. A grande perspectiva do Conselho Internacional é a preocupação de mundializar esse processo. Não podemos manter o Fórum como um evento brasileiro, no RS, mas devemos mundializá-lo/globalizá-lo, como o neoliberalismo. Mais do que identificar o que é outro mundo, precisamos identificar como. Isso pegando as coisas mais simples e complexas.

IHU On-Line — Em abril, houve uma reunião em Barcelona. Qual foi a grande pauta?

Francisco Whitaker — Poderíamos dizer que tivemos três grandes momentos. Primeiro: Avaliação geral do movimento mundial do processo, situando nele o Fórum e as estratégias de como trabalhar. Segundo: A arquitetura das instâncias que agilizam o Fórum, aumentá-lo ou diminuí-lo, e na linha da mobilização, a idéia dos fóruns regionais. Terceiro: Detalhar questões. Diria que a consolidação do método foi o maior ganho em Barcelona. A carta de Princípios foi consolidada com a baliza de tudo que se faz. Assim, o Fórum é um espaço e não uma organização, com luta pelo poder; não tem um documento final; é um espaço de troca de experiências, de aprendizado mútuo e articulação maior. No site: www.forumsocialmundial.org.br, está disponível essa carta.

IHU On-Line — Foram definidos fóruns regionais?

Francisco Whitaker — Para globalizar esse processo, as redes acharam importante criar eventos catalizadores em diferentes partes do mundo. Os próprios movimentos devem organizar quatro fóruns regionais: na Índia, na Europa (Itália), em Quito e um Fórum Pan-Amazônico. Além deles, serão organizados dois Fóruns Temáticos: um em torno da problemática Argentina (temática universal das políticas do FMI e seus resultados) e outro, em torno do conflito Israel e Palestina (envolvendo a problemática da guerra, da solução armada em conflitos).

Questões não amadurecidas ou esquecidas no Fórum?

IHU On-Line — O II Fórum foi criticado por ter poucos participantes da Ásia e da África e pouca representação das diferenças das Américas.

Francisco Whitaker —Diria que isso deve ser ouvido como uma constatação. Nenhuma pessoa ou organização manda nesse processo, não se decide de cima para baixo quem participa e de onde vêm os delegados, ou que problemas serão abordados. O Fórum abre o espaço para discussão. Também, não podemos ignorar que vir da Ásia e da África custa muito. Vem-se via Europa, duplicando os custos. Por isso, não podemos esperar grande número de participantes desses países. É evidente que há áreas não cobertas e pessoas que não descobriram ainda o Fórum.

IHU On-Line — Ao Fórum têm sido atribuídas as tarefas de globalizar os movimentos e reunir/expandir o número de redes.

Francisco Whitaker —Não são tarefas do Fórum. São antes sugestões para avançar a luta. O próprio Fórum, em si, é uma tentativa de fazer com que as pessoas saiam de seus espaços nacionais limitados, se conectem com outras organizações que fazem a mesma luta e aumentem sua força. O passo é saírem mais articulados planetariamente. Quanto a aumentar o número de ativistas, o Fórum não é um espaço para um determinado movimento fazer seu encontro internacional. Antes, aprender com outras, interligar-se mais, se reconhecer na diversidade. Mulheres com MST, sindicalistas com movimentos de urbanistas.... As pessoas vão fazer mais ou menos, segundo a necessidade, a descoberta e o engajamento base.

IHU On-Line — Outra crítica levantada dizia respeito ao clima de festa no Fórum e que os movimentos não teriam conseguido explicitar suas diferenças e apresentar ações propositivas.

Francisco Whitaker — Houve de tudo. O Fórum foi um evento muito alegre e conseguimos superar aquela idéia de que quem luta pela mudança é carrancudo. Quem participou, saiu com um encantamento muito grande. Havia gente e organizações da sociedade civil com as mais diferentes caminhadas: sindicatos, movimentos sociais e populares de diferentes tipos, ONGs... Dependendo da caminhada da sua própria luta, tiveram capacidade de avançar mais ou não. Quem propôs o tema da ALCA, por exemplo, conseguiu se articular mais, conhecer mais gente e aprofundar sua proposta. A crítica à falta de propostas é, às vezes, uma demanda de quem está de fora e quer ouvir palavras de ordem. O Fórum não é para criar palavras de ordem, mas para ouvir, trabalhar e aprender juntos a melhor maneira de enfrentar os problemas.

IHU On-Line — Estado Nacional ou Estado Global?, essa questão teria sido adiada, porque o espaço público do Fórum teria sido ocupado pelos defensores de um Estado Nacional.

Francisco Whitaker — O que é o espaço público do Fórum? Houve conferências e seminários sobre o tema da reconstrução da arquitetura do poder mundial. O Fórum não tem a possibilidade de dizer quem terá mais espaço. Ele é absolutamente aberto. Quem tem mais capacidade de reunir gente, militantes ativos de tal ou tal proposta, sugerir mais claramente suas idéias, vai ter mais repercussão. No II Fórum, os organizadores identificaram temas e convidaram redes existentes portadoras desses temas. Para aqueles temas que ainda não têm redes existentes, abriram-se espaços para os seminários.

Duas abordagens da atuação política

IHU On-Line — Acreditas que mudaram os paradigmas da atuação política?

Francisco Whitaker — Diria que estão começando a ser descobertos, e o Fórum é um desses novos paradigmas. O fato de o Fórum estabelecer, na sua Carta de Princípios, algumas regras que são completamente diferentes da tradição, especialmente de alguns grupos de esquerda, já é uma mudança. Respeito à diversidade, sem documento final, não ser piramidal, ser um espaço horizontal, tudo isso é uma mudança cavalara. Isso não está necessariamente dentro das práticas das pessoas e, menos ainda, nas forças políticas que estão lá dentro do Fórum. Por enquanto, estão convivendo dois tipos de abordagem da atuação política: um tipo de abordagem tradicional, da eficácia ilusória, dos comandos, das palavras de ordem, e outro, o de fazer nascer novas articulações e vozes. Essa mudança está em processo, e nossa vida política, aqui no Brasil, está longe de assimilar isso.

Sociedade da Informação é hierárquica e elitista

IHU On-Line — A sociedade da informação/comunicação fomenta, fortalece esse tipo de lógica que o Fórum vem propor?

Francisco Whitaker — Pelo contrário. Ela tenta desmerecer o Fórum e aplicar-lhe regras que ela está acostumada a aplicar. Tudo deve ter seu guru, seu chefe, seu líder, e ele fala em nome de todos. Por isso quer as falas das lideranças e dos chefes para falar em nome do Fórum. A imprensa não consegue entender a lógica do Fórum, porque está acostumada a uma lógica hierárquica. Chega, por exemplo, a exigir do Fórum o que não exige de Davos, que é um contraponto. De Davos não pedem um documento final. Aqui o exigem, mostrando que não entenderam que aqui também é um espaço de intercâmbio e não um espaço deliberativo. A mídia ainda é um grande desafio.

IHU On-Line — E a Web?

Francisco Whitaker — A internet abre uma potencialidade enorme, mas ela é ainda limitada e não tem a mesma força que os meios televisivos que atingem a grande massa que nunca irá frequentar uma web. A internet é ainda elitista, e aqueles que a usam, não buscam esse tipo de material. No melhor dos casos, fazem pesquisa ou usam para seu correio normal. Buscar o que está acontecendo no mundo e as vinculações que vêm é mais limitado. A possibilidade existe. Precisamos aprender a usar mais nossas próprias redes de intercomunicação e difundir as propostas, as idéias. Construir a imagem do Fórum de baixo para cima.

Necessidade de outro paradigma pedagógico

IHU On-Line — Como é a relação das universidades com o Fórum?

Francisco Whitaker — Do primeiro para o segundo Fórum, houve um aumento considerável de reitores, professores e estudantes. O que a universidade pode fazer é abrir espaço dentro dela para que as discussões feitas no Fórum possam nela repercutir e se espalhar. No Brasil, a universidade está muito marcada por uma estrutura competitiva, de mercado. Ao introduzir as temáticas do Fórum, poderão surgir problemas com professores mais autoritários ou sistemas mais autoritários de ensino. Nossa universidade brasileira precisa ter coragem de introduzir outros paradigmas pedagógicos.

IHU On-Line — Noam Chomsky foi uma das figuras celebradas no II Fórum. Houve uma mudança de enfoques na sua vida intelectual?

Francisco Whitaker — É a descoberta do intelectual sério. Refletindo sobre a realidade, o intelectual descobre-se parte. Com seu poder de reflexão e transmissão do conhecimento, ele pode ajudar outras pessoas a compreenderem a luta. Então, ele se coloca a serviço daquelas pessoas que estão na luta. As pessoas vão questioná-lo sobre suas opções, e ele não vai poder falar sem

experimental. No fundo, essa relação é o caminho que o intelectual precisa fazer. Não dá mais para pensar o intelectual separado da realidade.

IHU On-Line — Por que encerrar o Fórum com um texto de Saramago?

Francisco Whitaker — Não saberia dizer por que um Saramago, um poeta ou palavras improvisadas. Saramago é uma figura simbólica pela força da sua proposta, pelas suas posições políticas e seu engajamento. Assim, seu texto seria um texto motivador. Além disso, o Fórum seria um bom espaço para dar a conhecer um texto inédito. É interessante ver que Saramago fez críticas ao primeiro Fórum.

IHU Idéias

Acompanhe a agenda do IHU Idéias:
Quando? Toda quinta-feira das 17h30min às 19h.
Onde? Na sala 1C103 (Centro de Ciências Humanas).
O quê? Apresentação de livros, teses, idéias, debates.
Será servido um cafezinho

23 de maio - Aquífero Guarani: o grande manancial do CONE SUL

No dia 23 de maio, o professor Heraldo Campos abordará o assunto *Aquífero Guarani: o grande manancial do CONE SUL*. Na oportunidade os participantes poderão ter acesso ao importante trabalho “Modelación conceptual y matemática del acuífero guaraní, cono sur. Mapa hidrogeológico do aquífero guarani. Escala: 1:2.500.000”, publicado na *Acta Geologica Leopoldensia*, XXIII (4), 2000, Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, UNISINOS.

Heraldo Campos é formado em Geologia (1976) pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Mestre (Geologia Geral e de Aplicação, 1987) e Doutor em Ciências (Programa de Geoquímica e Geotectônica, 1993) pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (USP). Iniciou sua carreira como geólogo de petróleo na Petróleo Brasileiro S.A. (PETROBRAS) em 1977. Por dois períodos, de 1978 a 1984 e de 1992 a 1994, trabalhou como hidrogeólogo no Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE) do Estado de São Paulo. De 1984 a 1989, foi geólogo da Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista (SUDELPA) e do Instituto Geológico (IG). De 1989 a 1992, atuou como professor assistente da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Desde 1994, é professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Curso de Graduação e de Pós-Graduação em Geologia e coordenador do Curso de Especialização Ciências da Terra e Meio Ambiente. Nesses 24 anos de atuação profissional, escreveu, individualmente e em equipe, mais de 90 trabalhos técnico-científicos e 40 artigos em jornais sobre diferentes assuntos como águas subterrâneas, mineração, geotecnia, riscos geológicos e educação. É membro da UNESCO para a Comissão Nacional do Projeto Aquífero Internacional Botucatu (atualmente conhecido como Aquífero Guarani) e consultor ad hoc da CAPES, da FAPESP e do PADCT (agências de pesquisas brasileiras). Em 1996, foi professor visitante na Universidade de Alberta (UALBERTA) e, em 1997, na Universidade de Waterloo

(UWATERLOO), Canadá. Recentemente (1999-2000), concluiu seu pós-doutorado em modelagem regional do Aquífero Guarani, na Universidad Politécnica de Cataluña (UPC), Barcelona, Espanha. A bolsa de estudo e a edição (ISOMAPA) do Mapa Hidrogeológico do Aquífero Guarani (escala 1:2.500.000), Editora UNISINOS (2000), foram financiadas pelo CNPq, uma entidade do governo brasileiro destinada ao desenvolvimento científico e tecnológico.

IHU On-Line reproduz, na íntegra, um artigo de autoria do Prof. Heraldo Campos publicado nos jornais *Gazeta Mercantil*, 17 de maio de 2002 e *Vale dos Sinos* do dia 30 de setembro de 2000

A GEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Heraldo Campos

Este artigo pretende compartilhar com o leitor um sentimento que acompanha o autor, desde o seu ingresso no curso de Geologia, há quase 25 anos: *Como fazer geologia e torná-la um instrumento constante de aplicação junto à comunidade?*

A leitura dos livros *Teologia da Libertação no Debate Atual* e *Como Fazer Teologia da Libertação*, de Leonardo Boff e Clodovis Boff (Petrópolis: Vozes, 1985. 77p. e 1986, 141p., respectivamente), conhecidos teólogos da libertação, provocou, além das reflexões intrínsecas à nobreza do tema, num arrojo de exacerbada utopia, uma tentativa de expressar um inconformismo com os rumos da atuação profissional do geólogo.

Por comungar com os pensamentos destes renomados teólogos, procurou-se não apresentar uma análise crítica sobre as opiniões manifestadas, mas tomar como base os conteúdos, termos e conceitos da *Teologia da Libertação* (e sua estrutura de linguagem), que são fiéis ao texto original e introduzir, respeitosa e modestamente, a *Geologia da Libertação* para expressar este sentimento.

Para o autor, com a *Geologia da Libertação* (GdL), a geologia deixou de ser algo que interessa apenas aos geólogos. É porque a GdL representa mais do que simples geologia. Atrás dela, há uma comunidade e não somente livros. Trata-se da “pequena diferença” que separa a teoria da prática.

A novidade da GdL não está somente no desafio histórico de que acabamos de falar. A novidade da GdL é também, e sobretudo, o modo de elaborar a temática referida, isto é, a práxis da libertação.

Essa relação mútua entre teologia e prática vale, inclusive, para o próprio geólogo. Este, efetivamente, deve estar ligado concretamente, e não só teoricamente, com a práxis da comunidade. Assim inserido na comunidade, poderá praticar uma geologia a partir de dentro e não “de sacada”.

Isso significa que, na base e antes de toda a geologia, existe uma opção de vida, uma experiência determinada, uma tomada de posição diante do mundo concreto em que vivemos. É a partir desse pré-geológico que se é globalmente a favor ou contra a GdL.

Ademais, o que mais importa à GdL não é sua cientificidade, mas precisamente seu serviço, pois não basta ser brilhante, é preciso ainda ser verdadeiro. É insuficiente produzir livros se não se produz vida.

À GdL importa mais que tudo manter sempre um espírito de autocrítica, afastando toda falsa segurança e triunfalismo.

Não se trata de uma geologia de conseqüências, em primeiro lugar, uma geologia que mostra apenas a vontade de fazer, mas implica o fazer mesmo, fazer este, sempre movido e orientado para a vida da comunidade.

A GdL impõe ao geólogo pensar a práxis concreta, os problemas reais da existência e da comunidade e não apenas clássicos temas já consagrados pela tradição geológica. Em razão disso, tem de ser dinâmica e recusar-se a sínteses imaturas ou a sistematizações artificiais.

Comunicações da Coordenação

Voluntariado

No dia 13 de maio, a coordenação do IHU reuniu-se com a Profa. Vera Lúcia Schneider Bemvenuti, Coordenadora da Ação Comunitária da PROCEX e com Fernando A. Pocahy, funcionário daquele setor, para conversar sobre os trabalhos desenvolvidos pela UNISINOS, sobre Ação Comunitária e Voluntariado.

Ética e Educação

No dia 15 de maio, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou o *Fórum Lassalista Educação e Ética*, promovido pela UNILASALLE e pela Província Lassalista de Porto Alegre. O evento aconteceu no Centro Universitário La Salle, Canoas, RS e reuniu 123 professores e professoras dos colégios e universidade lassalistas.

Cidadania e Exclusão

No dia 16 de maio, o Prof. Alcido Anildo Arnhold foi convidado pela coordenação do IHU para ser o articulador do grupo temático Cidadania e Exclusão, do Setor I do IHU, Ética, Cultura e Cidadania.

Pedagogia Inaciana

No dia 16 de maio, a coordenação do IHU se reuniu com a Profa. Cecilia Osowski para conversar sobre o tema Pedagogia Inaciana e a participação da UNISINOS no Congresso Inaciano de Educação, a ser realizado em Itaici, de 28 a 31 de julho de 2002.

Simpósio Nacional e divulgação

No dia 16 de maio, a coordenação do IHU e a equipe de comunicação se reuniram com o jornalista Deivison Campos para discutir um plano de comunicação do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, a ser realizado de 25 a 27 de junho de 2002. Uma retomada do projeto de comunicação deve ser feita proximamente.

Espiritualidade Inaciana e Missão da UNISINOS

No dia 18 de maio, no curso de extensão Espiritualidade Inaciana e Missão da UNISINOS, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, orientou o módulo "Serviço da Fé e Promoção da Justiça". O curso é uma iniciativa do Setor Religiões, Teologia e Pastoral do IHU. Funcionários e funcionárias, professores e professoras participaram do evento.



Nosso entrevistado relâmpago nesta edição é...

Mário Francisco Tessmann

Mário Francisco Tessmann trabalha na Pastoral dos Estudantes do IHU. Pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Mário é formado em Teologia e é Pastor local da Paróquia dos Estudantes de Porto Alegre, no bairro Cidade Baixa. Casado com Lori, há 17 anos, o casal tem dois filhos: Martin, de 12 anos e Claus, de 4 anos.

Origens: Eu sou filho de mãe católica e pai luterano. Até os 20 anos, era católico e com essa idade ingressei em um grupo de jovens da IECLB e fui me envolvendo cada vez mais. Abandonei os estudos de Engenharia Agrícola na Universidade Federal de Pelotas, para cursar Teologia, na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo, porque queria ser pastor, e me formei em 1988. Em 1989, fui ordenado Pastor na Paróquia de Carazinho.

Doutorado: Em 92, viajei com minha esposa e meu filho mais velho para a Alemanha, onde fiz o doutorado em Teologia, na Universidade Karl Ruprecht, na cidade de Heidelberg.

Pastor: Me cativou a possibilidade de estar inteiramente dedicado a ajudar às pessoas, ser um profissional de auxílio aos outros nas suas dificuldades existenciais e éticas.

Autores que marcaram: Lutero e Nietzsche.

Livros: *O nome da Rosa*, de Umberto Eco e *Rumo à Estação Finlândia*, de Edmund Wilson.

Filme: *Os dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed.

Nos momentos livres: Gosto de ler e praticar esportes.

Presente que gosta de receber: Livros.

Família: Indispensável. Espaço para a gestação de valores humanos.

UNISINOS: Uma grande instituição com uma enorme responsabilidade social.

IHU: Um grande gerador e fomentador de idéias e valores humano-cristãos.

Pastoral dos Estudantes: Um permanente desafio.

Ecumenismo: Um dever público de todas as Igrejas.

IECLB: Uma Igreja em transformação. Até 30 anos atrás, era uma Igreja étnica, quase totalmente alemã. Hoje está cada vez mais inserida na realidade brasileira.

Um sonho: Poder escrever um livro sobre a história das Igrejas, sobre seu desenvolvimento teológico e social.

Uma pessoa: Santo Agostinho, pela coragem de mudar de vida.

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão.
Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a
ihuinfo@poa.unisinos.br